

Uma conversa com José Damasceno

Sandra Vieira Jürgens

Entrevista realizada em 2004 para a revista portuguesa Arq./a, uma publicação sobre arquitetura com espaço de reflexão dedicado à arte contemporânea. A partir do convite de Sandra Vieira Jürgens, historiadora e crítica de arte em Lisboa, uma entrevista se desenvolveu como um diálogo pela Internet, ao longo de alguns dias, sobre o trabalho de José Damasceno.

Acaso e circunstância, arte contemporânea, reflexão e humor.

Estar apto para receber o que o pensamento não está preparado para pensar é o que devemos chamar pensar

Jean-françois Lyotard

Sandra Vieira Jürgens *Caro J. Damasceno, em primeiro lugar queria agradecer a sua disponibilidade para falar à “distância”. Confesso que a minha primeira idéia para esta entrevista foi enviar uma espécie de roteiro com algumas perguntas sobre o seu trabalho, mas a verdade é que mudei de ideia e isso foi graças à palavra que usou, a de diálogo. Proponho então que falemos por escrito durante os próximos dias. Pode ser? Andei lendo alguma documentação e sei que estudou arquitectura no início dos anos 90 (o que achei curioso porque a Arq./a está maioritariamente ligada à arquitectura). De alguma maneira queria perceber como é que foi essa experiência e de que maneira ela marcou as intervenções artísticas que vem realizando? Por exemplo, de que forma a área da arquitectura o ajudou a definir uma certa perspectiva de se situar e entender o espaço da obra, de intervir pensando sempre no lugar de exposição?*

José Damasceno *Antes de qualquer coisa, gostaria de colocar aqui como é importante para mim poder participar. E também ressaltar o fato positivo que foi a proposta inicial de uma série de perguntas que me seriam enviadas ter-se transformado num diálogo. Você se refere a minha disponibilidade para falar “à distância” e, logo em seguida, me faz perguntas relativas a minha relação com a arquitetura e outras tantas sobre como penso o espaço.*

Bem, no princípio, passei sim pela arquitetura não como uma escolha deliberada mas por circunstâncias outras: num primeiro momento havia me candidatado ao curso de desenho industrial, mas fui reprovado numa prova de desenho, optei então por uma outra alternativa iniciando então, logo em seguida, a faculdade de arquitetura. Foi um período muito difícil para mim, pois não encontrava um ritmo, não me adaptava de forma alguma, coisa que chegou a um ponto insustentável, até que abandonei o curso, mal atingindo a sua metade. Entretanto, vejo claramente como minha breve passagem pela arquitetura está presente naquilo que faço hoje.

Você havia mencionado falar “à distância”... Apresentou-se uma referência espacial e, claro, estamos muito longe geograficamente – mesmo que on-line – nos comunicando por meio de textos através da Internet. Vou tentar passar para você como é para mim absolutamente vital pensar o espaço, seja qual for a circunstância. Sendo assim, essa “distância” de que você fala surge em função da localização geográfica, da linguagem, do meio utilizado, da rede. A arquitetura me proporcionou uma aproximação com a questão do espaço sim, mas não foi determinante em se tratando de como conduzir e de que maneira abordar o problema, como me situar, como refletir. Exercitei, é certo, alguma observação, obtive instrumentos – em se tratando de escalas, proporções, dimensionamentos. Mas creio, enfim, que não veio daí o que você colocou sobre como me situava e

entendia o espaço da obra. Não foi a faculdade de arquitetura que me aproximou de fato da arquitetura. Eu simplesmente enfrentei e comecei por conta própria a resolver problemas que se colocavam, experimentando aquilo que vinha aprendendo, a observação, o projeto, a maquete e, sem me dar conta, assimilando e adquirindo ferramentas que seriam úteis, depois. Não vejo possibilidade alguma de intervir, seja onde for, sem pensar no “lugar da exposição” porque, pensar é também criar espaço, elaborar relações, intuir dimensões, relacionar coordenadas, esse “pensar no lugar”, que você citou, se confunde mesmo com o próprio pensar, um estudo do lugar.

Qual a natureza do espaço em questão? Estão sempre em jogo muitas dimensões possíveis, superfícies outras que possuem continuidades improváveis, saltos escalares, torções contíguas, túneis dimensionais, naturezas distintas da ordem da linguagem, coordenadas temporais, coexistências afetivas, potencialidades psíquicas, posicionamentos de um problema entre outros problemas... Um certo sistema de relações por onde nos movemos, habitamos. Uma possibilidade revela-se intrigante: expandir o conceito arquitetônico e simultaneamente dilatar o espaço poético, produzindo um efeito de imersão dupla, cada domínio envolvendo o outro quase que por completo. Seria como se pudéssemos habitar o pensamento ou, talvez, observá-lo vivo, deslocando-se no real, um espaço de trânsito entre nós, seria viver espacialmente o espírito?

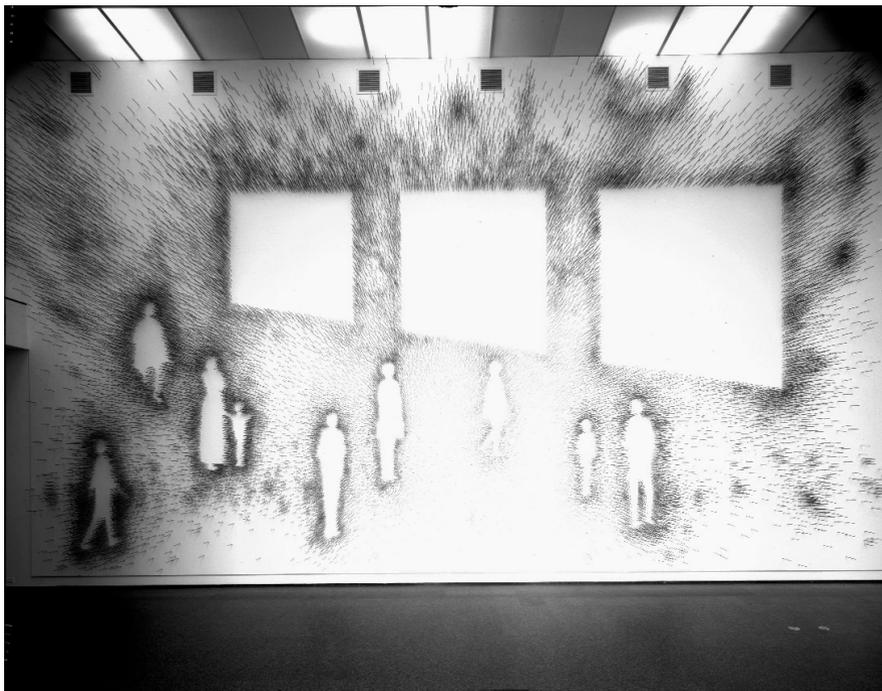
SVJ Quanto à entrevista de que me falou (www.uerj.br/polemica) eu já a tinha e até foi lá que fiquei a saber que estudou arquitetura. Gostei bem de ler. No último email falou num espaço poético, num espaço de trânsito entre nós e não posso deixar de assinalar a combinação interessante que se expõe frequentemente na sua obra, entre sensibilidade poética e sentido de humor? O humor é de alguma maneira uma forma de estreitar o contacto e de estabelecer cumplicidades com outros, sejam reais ou imaginários?

JD Você fala em sensibilidade poética e, logo em seguida, sobre o sentido de humor. Curioso notar como, às vezes, expressões aparentemente simples apontam para uma quase total incerteza quanto ao que de fato significam. Sensibilidade poética? Que diabo vem a ser isso, afinal? E sentido de humor? Seria a capacidade de expressar o que é cômico? Penso que, no final, essas duas coisas possuem muito em comum; uma não existe sem a outra, são problemas, equações que se nutrem mutuamente, ao mesmo tempo graves e cômicas sem nunca se saber onde começam e onde terminam, onde está a solução, enfim. Perguntas e respostas que se alternam, se permutam – quase se confundem –, algo sempre se move, nunca nada se detém, um moto perpétuo bizarro... São, cada uma a seu modo e também cooperando entre si, uma certa proposição frente ao mundo, uma forma de enunciar, supor, especular, duvidar, colocar, complicar... complicar, sim, e por que não? Se não for assim, não tem graça!

Sim, é uma escolha, um determinado enunciado, a reunião de elementos um tanto estranhos, que por mostrarem, agora, juntos, o que parecem ser – princípios inofensivamente disparatados, de início regidos por um funcionamento bastante peculiar – resultam em um sistema de causa e efeito suspenso que nos surpreende pela sua aparente simplicidade, uma banalidade talvez, mas que é portadora de um abismo, agora bem perto, ao nosso lado. Não são conclusões, nem tampouco resultados, mas improváveis elucubrações, curiosa série em que, possivelmente, uma certa concatenação que por súbita adesão a uma outra ainda impensada se revela, então, ao mesmo tempo irreverente e mordaz, brincalhona e agressiva. Mas, essa é a forma com a qual talvez me relacione com as coisas, ou ao menos a que gostaria. Não se trata de uma opção qualquer. Sim, é uma escolha, mas essa escolha pressupõe levar adiante esse processo, até as últimas consequências. O modo como vejo o mundo, como me aproximo e abordo aquilo que por algum motivo me parece interessante.

Falo aqui de algo absolutamente crucial, estrutural. Sem humor não se chega a lugar algum que interesse, não se pode viver – e, por favor, não me pergunte por quê. Talvez não seja a forma correta ou “séria”, mas é assim e pronto! Ao mesmo tempo repudio o humor tratado apenas como algo que se esgote nele mesmo, uma espécie de anedota vazia, isso não interessa. Trata-se enfim de investigar as possibilidades, de arriscar e descobrir um certo *non-sense* imprevisto... Não pretendo estabelecer cumplicidade alguma num primeiro momento, não me importa, é algo que surge muito depois. Não há nada conciliador. A brincadeira aqui é outra.

E de repente as pessoas pensam ser divertido. Será divertido mesmo? Talvez pelo fato de algo estar presente, absolutamente claro, mas... Não se sabe ao certo onde isso vai parar. Há um propósito que percebemos que existe, mas não reconhecemos sua finalidade, algo, no final das contas, sempre



escapa... Estamos diante de um estado de perplexidade iminente... Como se, em vez de rir das obras, seriam elas que agora ririam de nós. E diriam entre si: 'como eles são loucos!' Porque, vale dizer, elas estão entre nós, vivem conosco ou são como radiografias, retratos de nós mesmos. Entretanto, mesmo vendo-as claramente, não conseguimos compreendê-las por completo.

SJ *Caro J.D., ao tentar ter uma visão panorâmica parece-me que uma das singularidades do seu trabalho é a maneira como combina e estabelece relações entre materiais, objectos, suportes. Estou a pensar em obras como Reunião Imprevista, Solilóquio ou Uma ponte, O presságio seguinte, Motim. Elas podem considerar-se materializações de uma mesma idéia? Que idéia está por detrás?*

JD Começo comentando esse primeiro problema levantado por você sobre a maneira como combino e estabeleço relações entre materiais, objetos, suportes. Diria que, neste momento, começo a me dar conta de uma série de características e recorrências que indicam caminhos, leituras que se apresentam sobre aquilo que venho propondo e realizando. Não sou reconhecido apenas pela utilização deste ou daquele material, ou ainda por alguma técnica específica – mesmo levando-se em consideração recorrências já constatadas. Absolutamente não abro mão de estar aberto a qualquer possibilidade, no sentido de me valer do material ou técnica necessários para estar o mais próximo possível daquilo que pretendo realizar.

Num primeiro momento, não me importo se utilizo carpete, cigarros, mármore, sabão, concreto, isopor; ou, então, diferentes procedimentos de execução/montagem/construção; se eventualmente trabalho com a cooperação de outros profissionais que, com minha orientação e suas habilidades próprias, venham a fabricar as peças; ou se eu mesmo, cuidadosamente, me detenho na elaboração e organização de uma determinada situação espacial; ou ainda se viabilizo a execução de algum desenho... cada situação nova compreende todo um processo com exigências bem particulares. Procuo estar sempre atento e perceber aquilo que se mostra indispensável para atingir a plena manifestação dos trabalhos.

Apreendi também a ser flexível quanto ao projeto inicial, com a atenção voltada para o acaso e as circunstâncias imprevisíveis que sempre surgem. Os materiais e técnicas são evidentemente muito importantes, pois são eles que trazem à luz dados cruciais e informações elementares que estão em jogo.

O que é isso tudo afinal? Do que se trata? Talvez essas perguntas sejam pistas esclarecedoras, pois a coesão entre as peças – que se pensaria a princípio estar atribuída aos aspectos construtivos – encontra-se em outro lugar; mas, onde, então, se encontra essa coerência? Com certeza mantém-se ligada às características físicas; afinal as peças estão no mundo... Contudo, ela se encontra relacionada a uma série considerável de elementos distintos que pertencem a outros domínios. Portanto, se faz necessária uma nova abordagem com um novo enfoque.

Existe, sim, algo em comum que permeia todas essas propostas. Poderia destacar sobretudo a ênfase numa constante tentativa: obter um contato outro com elementos que pertençam a um plano imaginário, mas, agora nesse caso, presente entre nós.

Você falava se as peças citadas acima seriam consideradas 'materializações de uma mesma idéia'. Posso talvez extrair daí algo nas entrelinhas. O que me interessa muito, me fascina mesmo, é justamente o aspecto da passagem. Intriga-me muito tudo que esteja relacionado a esse fluxo entre mundos aparentemente separados. Aquele, situado num plano mental, um campo imaginário de fato, e o outro que podemos tratar aqui de 'real', ao qual atribuo uma qualidade fundamental: a de ser um espaço de trânsito entre nós, onde se coexiste. Em seguida, você pergunta que idéia está por detrás?

Isto eu também quero muito saber! Deve ser esse um dos motivos pelo qual me dedico a esse trabalho. Parece-me que há algo de interessante e ao mesmo tempo não muito fácil de lidar, uma sensação de que existe um propósito não revelado que se sabe que existe, mas sempre nos escapa. A idéia que está por detrás é a pergunta com relação à natureza dessa idéia, uma idéia que se pergunta e se questiona pela sua própria existência. Uma certa vibração incide, uma certa freqüência ocorre, juntas e vindas do campo do imaginário, da ordem da linguagem, e permitem finalmente que algo se manifeste, uma espécie de problema, de enunciado, uma certa equação, um momento muito singular que se constitui concretamente.

Contudo, essa presentificação do espírito (quanto mais aguda e abrupta, melhor) não faz mais do que nos atirar para o lugar de onde veio, ou senão mais além... Sua presença revela a existência desse mundo mental aliado às pulsões ainda mais internas, indicando assim um outro problema, a observação de uma possível microfísica do imaginário. Como se organiza, como se comporta, qual densidade, como ela habita o mundo? Parece que se inicia uma espécie de reação em cadeia infernal. Pois tudo isso possui um caráter transitório e não se fixa, ou melhor, teríamos diante de nós uma espécie de amálgama temporal, um presente puro que nos parece imóvel, mas, ao mesmo tempo, se mostra dinâmico. O que se passa, não se sabe se já aconteceu, se está se passando ou se vai logo começar; na verdade seria tudo isso ao mesmo tempo.

Pensar o pensamento. Uma espécie de exame, jogo, exercício, estudo, investigação demente da linguagem. Uma inquietante topologia se verifica, espécie de reviramento que opera uma adesão de superfícies muitas vezes separadas, isoladas. Só posso observar isto que desejo, o contato entre o mundo imaginário e o mundo factual, utilizando o próprio contato a ser observado, ali justamente onde adquire concretude. Isso então se torna um drama, e frente a isso a única saída talvez seja lançar mão do humor.

Tudo até aqui parece nos oferecer um cerne, um eixo. Uma visão mais detalhada revelaria a presença de uma gama repleta de diversas "idéias". Acontece que nesse ponto elas estariam submetidas à condição de material e se converteriam numa matéria com uma densidade própria.

Outra vez chegamos a um ponto crítico. Essas operações só são possíveis mediante uma intermitente negociação com um vasto universo de estímulos diferentes, imagens, cores, formas, afetos, significados, cargas simbólicas; esses estímulos tendem a tocar outros tantos e os "ligar", e assim por diante.

Uma peça, por fim, possui uma ordem/desordem inerente, um comportamento, uma dinâmica interna que produz algo, que produz sentido, porém nada está dado, se solicita sempre, a todo o momento, que se participe para que a coisa comece a acontecer.

Por fim, não quero deixar de citar um detalhe sem o qual isso tudo não existiria. Falo de um elemento estrutural, extremamente importante pelo seu caráter construtivo e flexível, ora como ferramenta, ora como o material por ela modificado. Refiro-me à invenção e seu sentido o mais primordial. Sua ausência impossibilitaria levar adiante essa proposta de trabalho, uma vez que se torna irremediável lançar mão de tudo aquilo que afirma a invenção como parâmetro básico, como fator original.

SVJ *Por outro lado, queria saber a sua opinião acerca de como lhe parece o mundo hoje em dia, em relação por exemplo ao que vai expressando na sua obra.*

JD Trata-se de uma questão e tanto. Difícil de simplesmente definir a extensão e abrangência desse "mundo" do qual você me pede um comentário. Pertencem a uma geração que surgiu e cresceu após o fim da festa, do otimismo dos anos 60, com a falência das utopias, em meio a uma atmosfera de certa forma pessimista.

Hoje, vivemos sobretudo um momento de transição, que produz uma angústia incontornável, oriunda da perda de referências, uma carência de valores, o esgotamento do exercício da reflexão sobre esses valores. Perdemos o que supúnhamos ter e ainda não alcançamos o que nem



temos idéia se pode existir. Por mais pessimista que seja, esse estado transitório e a tensão que o acompanha merecem atenção. Um momento que pressupõe mudança. Mesmo se tratando de uma obviedade, não posso negar o fato, pela sua forte evidência de que o período em que nos encontramos agora se modifica e se transforma profundamente numa velocidade impressionante em quase todos os níveis, nas relações de trabalho, de produção, de organização familiar...

Devo em primeiro lugar mencionar o vertiginoso adensamento de tudo aquilo que se relacione com os incontáveis estratos da informação. Nunca antes estivemos expostos e sob a influência de tantos estímulos visuais, sonoros, impressos e, ultimamente, cibernéticos. É como se, de fato, se inaugurasse um novo momento. A sociedade da comunicação: a informática, a Internet, as publicações, a televisão, o cinema, a propaganda, a moda, tudo isso gera um novo hábitat, constituído por um meio fluido, aleatório, mental, ficcional, imprevisível, no qual a esfera política e também a esfera cotidiana são permeadas por forças delirantes e fragmentadas. Presenciamos a modificação da paisagem – agora ela possui uma nova geografia em grande parte regida pela economia, pelo mercado, a entidade que prevalece esmagadoramente. Dissolve-se aquilo que sustentaria uma atividade crítica mais contundente, tornando-se também difícil encontrar um posicionamento político mais esclarecido, agora diluído num movimento dúbio, complexo, ainda mais em se tratando dos fluxos das megacidades, das megapopulações e, novamente, tudo orientado pelo mercado, a mola mestra.

Vejo um processo de desmonte do sentido de coletividade, que talvez fosse substituído por uma infinidade de contextos, em que ocorreria a comunicação entre inúmeras micropolíticas diferentes, daí podendo surgir um novo impulso de criatividade. Tenho a impressão de haveremos chegado a um ponto em que se verifica uma *crise paradigmática* sem precedentes, a desorientação imanente sobre como viver e se relacionar em meio a esse caldo psíquico, responsável por um efeito de alteridade vacilante, sobre como se deslocar, se expressar, se manifestar... não se sabe bem ainda a que recorrer.

Parece-me, também, estarmos imersos em um meio quase que hostil ao surgimento de posicionamentos políticos e artísticos que sejam críticos, mais inquietos. Hoje, qualquer movimento de contestação é imediatamente desarmado, neutralizado e assimilado pela propaganda.

Neste panorama um tanto angustiante, a existência dessa crise paradigmática torna-se um sinal positivo. A consciência desse 'encontrar-se perdido' é que oferece a possibilidade de superação. A possibilidade de enfrentar essa constatação aponta uma saída e, a partir daí, encoraja o desenvolvimento de processos que possam dialogar e se relacionar com tais circunstâncias problemáticas.

Considero a arte contemporânea fazendo parte desse cenário como um espaço aberto propício a reflexões e ações. Há um sentido quase de urgência, em que é impossível não tomar uma posição, definir uma orientação, tornar clara uma escolha. O que venho propondo se nutre sim do mundo que me cerca, relaciona-se com essa circunstância, mas sempre de forma oblíqua, no sentido de atravessar diferentes campos da experiência, do saber, do conhecimento, oferecendo um contato com situações extremamente subterrâneas – e ao mesmo tempo muito aparentes – na procura de mapear essa realidade de alguma forma. Esses trabalhos são a tentativa de desenvolver ferramentas que possam operar cortes, reconfigurações, cuidadosos exames, observações que possibilitem o surgimento de novas idéias, sempre se levando em consideração um nível de complexidade crescente e a intensificação do sentido de exploração junto a esses novos problemas.

Tento evidenciar que não há alternativa a não ser tomarmos uma posição. O pensamento também precisa respirar... Sobretudo, é preciso rir de tudo isso também. É muito importante pensar o humor como condição e recurso indispensáveis. Talvez a arte possa então operar um movimento indagador, uma curiosidade inquietante, um deslocamento que ofereça novas visadas, novos olhares, contribuindo com formas acessíveis de se enriquecer o pensamento, para que possamos descobrir o arco de possibilidades que o ato poético, que sempre é político, pode oferecer. Por menor que seja, algo que permita nos darmos conta do potencial humano e poético da vida. Por mais "isolada" que a arte se encontre, não importa, ela mantém viva aquilo com que nos surpreendemos, sofremos, amamos, nos debatemos, lutamos: a vida como referencial primeiro e a perplexidade daí resultante.

Íntegra revisada da entrevista publicada na revista de arquitetura e arte *Arq./a*, Lisboa, ano V, n. 26, julho/agosto 2004: 88-91. José Damasceno, artista, nascido no Rio de Janeiro em 1968. Realizou exposições em Chicago, Madrid, Nova York, Porto, Paris, entre outros centros internacionais. Participou também de importantes mostras coletivas como a XXV Bienal de Arte de São Paulo em 2002 e da 51ª Bienal de Veneza em 2005.

